

Resposta das questões – Concluindo

Capítulo I – Evolucionismo e Diferença

1 Esta imagem pode ser lida como uma representação visual do processo de colonização. Vemos uma jovem indígena, tocada por um raio de luz celestial refletida no escudo da Coroa portuguesa, que representa o poder do Estado. Levando em conta os seus conhecimentos sobre a história da colonização portuguesa na América do Sul e o que vimos no capítulo 1, que reflexão podemos fazer sobre o contato entre europeus e indígenas a partir desta imagem?



Fronstispício da obra
História das guerras no
reino do Brasil sustentadas
pela coroa de Portugal
contra a república da
Holanda (1698), do
carmelita português
frei João José de Santa
Therese, dedicado a dom
Pedro II, rei de Portugal.

Resposta: A imagem do século XVII representa muito do que falamos nesse capítulo: induz a entender o contato como um processo civilizatório, aqui mediado pela religião, com o objetivo de salvar as almas dos “selvagens”. O poder da Coroa, que a imagem representa como derivado de forças divinas e religiosas, faz da colonização uma espécie de dever ou fardo da metrópole “civilizada”.

2 Considere o seguinte relato do antropólogo norte-americano Ralph Linton:

*O cidadão norte-americano desperta num leito construído segundo padrão originário do Oriente Próximo, mas modificado na Europa Setentrional, antes de ser transmitido à América. Sai debaixo de cobertas feitas de algodão, cuja planta se tornou doméstica na Índia; ou de linho ou de lã de carneiro, um e outro domesticados no Oriente Próximo; ou de seda, cujo emprego foi descoberto na China. Todos estes materiais foram fiados e tecidos por processos inventados no Oriente Próximo. Ao levantar da cama faz uso dos mocassins que foram inventados pelos índios das florestas do leste dos Estados Unidos e entra no banheiro cujos aparelhos são uma mistura de invenções europeias e norte-americanas, umas e outras recentes. Tira o pijama, que é vestuário inventado na Índia e lava-se com sabão, que foi inventado pelos antigos gauleses, faz a barba que é um rito **masoquístico** que parece provir dos sumerianos ou do antigo Egito.*

*Voltando ao quarto, o cidadão toma as roupas que estão sobre uma cadeira do tipo europeu meridional e veste-se. As peças de seu vestuário têm a forma das vestes de pele originais dos nômades das estepes asiáticas; seus sapatos são feitos de peles curtidas por um processo inventado no antigo Egito e cortadas segundo um padrão proveniente das civilizações clássicas do Mediterrâneo; a tira de pano de cores vivas que amarra ao pescoço é sobrevivência dos xales usados aos ombros pelos croatas do século XVII. Antes de ir tomar o seu **breakfast**, ele olha a rua através da vidraça feita de vidro inventado no Egito; e, se estiver chovendo, calça galochas de borracha descoberta pelos índios da América Central e toma um guarda-chuva inventado no sudoeste da Ásia. Seu chapéu é feito de feltro, material inventado nas estepes asiáticas.*

De caminho para o breakfast, para comprar um jornal, pagando-o com moedas, invenção da Líbia antiga. No restaurante, toda uma série de elementos tomados de empréstimo o espera. O prato é feito de uma espécie cerâmica inventada na China. A faca é de aço, liga feita pela primeira vez na Índia do Sul; o garfo é inventado na Itália medieval; a colher vem de um original romano. Começa o seu breakfast com uma laranja vinda do Mediterrâneo Oriental, melão da Pérsia, ou talvez uma fatia de melancia africana. Toma café, planta abissínia, com nata e açúcar. A domesticação do gado bovino e a ideia de aproveitar o seu leite são originárias do Oriente Próximo, ao passo que o açúcar foi feito pela primeira vez na Índia. Depois das frutas e do café vem waffles, os quais são bolinhos fabricados segundo uma técnica escandinava, empregando como matéria-prima o trigo, que se tornou planta doméstica na Ásia Menor. Rega-se com xarope de maple, inventado pelos índios das florestas do leste dos Estados Unidos. Como prato adicional talvez coma o ovo de uma espécie de ave domesticada na Indochina ou delgadas fatias de carne de um animal domesticado na Ásia Oriental, salgada e defumada por um processo desenvolvido no Norte da Europa.

Acabando de comer, nosso amigo se recosta para fumar. Hábito implantado pelos índios americanos e que consome uma planta originária do Brasil; fuma cachimbo, que procede dos índios da Virgínia, ou cigarro, proveniente do México. Se for fumante valente, pode ser que fume mesmo um charuto, transmitido à América do Norte pelas Antilhas; por intermédio da Espanha. Enquanto fuma, lê notícias do dia, impressas em caracteres inventados pelos antigos semitas, em material inventado na China e por um processo inventado na Alemanha. Ao inteirar-se das narrativas dos problemas estrangeiros, se for bom cidadão conservador, agradecerá a uma divindade hebraica, numa língua indo-europeia, o fato de ser cem por cento americano.

Citado em: LARAIA, Roque de Barros. *Cultura. Um conceito antropológico*. 11. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995, p. 106.

Ralph Linton faz um relato irônico sobre o sentimento nacionalista norte-americano, demonstrando que o cotidiano do cidadão é marcado por artefatos, práticas, inventos e costumes provenientes de várias partes do mundo. O texto expõe ainda algumas conexões geográficas e históricas que ajudam a explicar o mundo contemporâneo. A partir de sua leitura:

- Procure indicar outras práticas, alimentos ou técnicas do seu cotidiano que são originários de culturas e regiões diferentes daquela em que você vive.

Resposta pessoal. (Emanuel Isaque orienta: *Professor, essa atividade pode se tornar mais interessante se as respostas forem dadas oralmente, envolvendo toda a turma. Você poderá*

auxiliar os alunos a identificar ou pesquisar as culturas e regiões originárias das práticas, alimentos ou técnicas citados.)

• Parte destes hábitos e práticas são heranças indígenas. Que relação você pode fazer com as imagens preconceituosas que produzimos sobre as populações indígenas hoje em dia?

Resposta: O texto serve como um aviso para percebermos como nossos hábitos são o resultado de diversas interações históricas. Quando olhamos para as populações indígenas como “menos indígenas” ou como “falsos indígenas” em razão do uso que fazem de artefatos da sociedade ocidental, ou mesmo pelo desejo de artefatos e práticas ocidentais, estamos esquecendo aquilo que o trecho citado nos sugere. Se nós podemos continuar sendo brasileiros mesmo que convivendo com práticas criadas em outros contextos (como os norte-americanos na citação de Ralph Linton), por que populações indígenas não poderiam? Assim, o trecho citado produz um estranhamento por sua ironia e até pelo humor, sugerindo que qualquer resposta que relacione esse uso de “coisas” estrangeiras com o direito das populações indígenas de fazer o mesmo, sem deixar de ser indígenas e, portanto, sem perder direitos que a Constituição lhes garante, é correta.

3 Leia o texto a seguir.

O homem ocidental tende a julgar as artes dos povos indígenas como se pertencessem à ordem estática de um Éden perdido. Dessa forma, deixa de captar, usufruir e incluir no contexto das artes contemporâneas, em pé de igualdade, manifestações estéticas de grande beleza e profundo significado humano.

Atualmente, porém, percebe-se um crescente interesse nas artes indígenas, mesmo como fonte de inspiração, assim como o reconhecimento da continuidade da produção artística dos povos que habitavam esta parte do continente americano e que hoje, decididos a continuar como índios, ainda criam e sempre recriam importantes obras de arte dotadas de notável especificidade histórica e cultural.

A pintura e as manifestações gráficas dos grupos indígenas do Brasil foram objeto de atenção de cronistas e viajantes desde o primeiro século da descoberta, e de inúmeros estudiosos que nunca deixaram de registrá-las e de se surpreender com essas manifestações insistentemente presentes ora na arte rupestre, ora no corpo do índio, ora em objetos utilitários e rituais, nas casas, na areia e, mais tarde, no papel.

No entanto, mesmo neste século, apesar da riqueza do material disponível, o estudo da arte e da ornamentação do corpo foi relegado a segundo plano, durante muitos anos, no que diz respeito às sociedades indígenas no Brasil. [...]

Apenas recentemente a pintura, a arte gráfica e os ornamentos do corpo passaram a ser considerados como material visual que exprime a concepção tribal de pessoa humana, a categorização social e material e outras mensagens referentes à ordem cósmica. Em resumo, manifestações simbólicas e estéticas centrais para a compreensão da vida em sociedade.

VIDAL, Lux. Iconografia e grafismo indígenas, uma introdução. In: VIDAL, Lux (Org.). *Grafismo indígena. Estudos de antropologia estética*. São Paulo: Edusp, Studio Nobel e Fapesp, 1992. p. 13.

O texto da antropóloga Lux Vidal pode nos ajudar a pensar não apenas sobre as artes indígenas, como a própria definição de arte em nossa sociedade. De que forma a arte é uma expressão da vida cotidiana? O que podemos definir como arte? A partir da leitura do capítulo, do texto e destas indagações desenvolva as atividades que se seguem:

Essa questão parte de um texto sobre “arte indígena” que pode nos ajudar a pensar um pouco sobre como a arte é vista em nossa sociedade. Desde quando a arte passou a constituir um campo à parte, separado da vida cotidiana? O que chamamos de design não seria um retorno da expressão artística ao mundo do vivido, da experiência do dia a dia? Essas questões levam a uma reflexão sobre a relação entre arte e o mundo da vida, e não só do lugar da arte nas sociedades indígenas.

- Procure explicar por que o conhecimento das artes indígenas pode levar ao questionamento das teorias evolucionistas.

Resposta: *Como já foi visto no capítulo, o nível de elaboração e sofisticação da chamada “arte indígena” impede que ela seja considerada produto de uma sociedade “primitiva” como afirmavam as teorias evolucionistas.*

- Em que medida as expressões artísticas, sejam elas das artes plásticas, da dança, da música, do teatro, sejam de artesanatos, como a cestaria e a tapeçaria, ornamentos corporais (como a tatuagem e o piercing, entre outros), de pinturas rupestres ou intervenções urbanas, como o grafite, são expressões da cultura de um povo?

Resposta pessoal.

- Em sua cidade, há exemplos de produções artísticas que refletem a cultura e a identidade de grupos urbanos ou rurais? Cite-as.

Resposta mais que pessoal.

Capítulo II – Padrões, Normas e Cultura

1 A tirinha a seguir faz uma reflexão sobre os padrões culturais. Observe:



Nesta tira de 2011, o cartunista Laerte, autor da tira, faz uma crítica relacionada aos padrões culturais. Explique como você entendeu essa crítica e o que achou dela.

Resposta: Na tira apresentada, o cartunista Laerte sugere que os padrões podem aparecer como amarras, remetendo à ideia de repressão. O costume impõe determinados comportamentos de forma autoritária, o que gera consequências. Aqui, a crítica refere-se à definição dos papéis de gênero: coisas para homens e coisas para mulheres. Os padrões podem ser muito opressivos para aqueles que não se adaptam a eles. A implicação disso é o preconceito contra aqueles que não se ajustam aos modelos.

2 A seguir reproduzimos trechos de um artigo do cientista político Hélio Jaguaribe (1923-), publicado no jornal Folha de S.Paulo em abril de 2008.

O “jardim antropológico” é uma insensatez

Todos os países americanos se confrontaram com a questão indígena. É indiscutível que em todos eles a relação entre europeus colonizadores e a população nativa foi originariamente conflituosa. Esse conflito conduziu ao extermínio das populações costeiras (Brasil), levando os nativos a se refugiarem no interior remoto de cada um desses países. [...] A política indigenista no Brasil não foi, originariamente, formulada pelo governo federal, e sim por esse grande pioneiro que foi o general Rondon. [...] Em anos mais recentes, a política indigenista brasileira passou a ser orientada por etnólogos. Estes, diversamente de Rondon, não tentavam a pacífica incorporação do índio, mas a preservação das culturas indígenas. [...] Em termos mais amplos, importa questionar: que objetivos deve ter tal política, ademais da proteção do índio? Por outro lado, a perpetuação de culturas nativas, em que se fundamenta, no Brasil, a política de reservas, carece de sentido. Em termos antropológicos, pois é impossível sustar o processo civilizatório. As populações civilizadas do mundo são descendentes de populações tribais, que seguiram, em todos os países, o secular caminho que leva os paleolíticos a se transformarem em neolíticos e estes, em civilizados. [...]

O artigo acima defende uma visão sobre as populações indígenas que é semelhante à visão dos evolucionistas do século XIX. Partindo das questões trabalhadas no segundo capítulo e dos seus conhecimentos históricos sobre os processos de colonização no século XIX, demonstre como o autor expõe essa visão e procure fazer uma crítica a ela.

Resposta: *O artigo de Hélio Jaguaribe defende a ideia de que “As populações civilizadas do mundo são descendentes de populações tribais, que seguiram, em todos os países, o secular caminho que leva os paleolíticos a se transformarem em neolíticos e estes, em civilizados”. Ou seja, pressupõe o mesmo processo de evolução “em escada” proposto pelos evolucionistas no século XIX, e que também serviu de justificativa ideológica para os colonialismos do século XIX (como o colonialismo inglês na África e Ásia, o colonialismo francês na África e Sudeste asiático, etc.). Do ponto de vista desse autor, há apenas um caminho a ser seguido pelos indígenas, que é o da civilização. Ora, vimos como a ideia de evolução em um caminho único é criticada por Boas, pois é essencialmente etnocêntrica. Hélio Jaguaribe afirma ainda que “Em termos antropológicos (...) é impossível sustar o processo civilizatório”. Ou seja, pressupõe que o progresso é inevitável e ainda considera essa reflexão antropológica. Essa reflexão é de fato antropológica, mas de acordo com os parâmetros do século XIX, pois no século XX a ciência antropológica se dedicou justamente a questionar essa ideia, vista desde então como preconceituosa.*

Capítulo III – Outras formas de pensar a diferença

1 Considere este cartum de Laerte, publicado em 2011:



O cartum expõe tanto um dilema social brasileiro como uma crítica ao que o sociólogo e teórico cultural jamaicano Stuart Hall chamaria de “velhas identidades”. Em 2012, mais de 250 pessoas foram assassinadas no Brasil por serem homossexuais. Laerte discute aqui os efeitos da homofobia e toma uma posição clara contra o preconceito. Considerando essas informações, procure indicar as razões dos preconceitos e dos atos de violência direcionados aos homossexuais.

Resposta: *O cartum de Laerte relaciona o machismo, que poderíamos chamar de “velha identidade”, seguindo Stuart Hall, com a ridicularização dos homossexuais na TV e com os assassinatos de travestis no Brasil. Laerte identifica nessas ações uma resistência às mudanças que já estão presentes no cotidiano brasileiro. As identidades homossexuais, transsexuais e transgêneras são uma realidade e representam a forma de expressão de uma parte considerável da sociedade brasileira. Uma parte que luta por seus direitos, utilizando-se constantemente do conceito de identidade para defender seu modo de vida. Podemos dizer que esse cartum é um instrumento político de combate ao machismo que discrimina esses grupos.*

2 Considere a seguinte canção de Jorge Ben Jor.

Zumbi

| | |
|--|---|
| <i>Angola, Congo, Benguela</i> | <i>Do outro lado o cafezal</i> |
| <i>Monjolo, Cabinda, Mina</i> | <i>Ao centro senhores sentados</i> |
| <i>Quiloa, Rebolo</i> | <i>Vendo a colheita do algodão branco</i> |
| <i>Aqui onde estão os homens</i> | <i>Sendo colhidos por mãos negras</i> |
| <i>Há um grande leilão</i> | <i>Eu quero ver</i> |
| <i>Dizem que nele há</i> | <i>Eu quero ver</i> |
| <i>Uma princesa à venda</i> | <i>Eu quero ver</i> |
| <i>Que veio junto com seus súditos</i> | <i>Quando Zumbi chegar</i> |
| <i>Acorrentados em carros de boi</i> | <i>O que vai acontecer</i> |
| <i>Eu quero ver</i> | <i>Zumbi é senhor das guerras</i> |
| <i>Eu quero ver</i> | <i>É senhor das demandas</i> |
| <i>Eu quero ver</i> | <i>Quando Zumbi chega e Zumbi</i> |
| <i>Angola, Congo, Benguela</i> | <i>É quem manda</i> |
| <i>Monjolo, Cabinda, Mina</i> | <i>Eu quero ver</i> |
| <i>Quiloa, Rebolo</i> | <i>Eu quero ver</i> |
| <i>Aqui onde estão os homens</i> | <i>Eu quero ver</i> |
| <i>Dum lado cana-de-açúcar</i> | |

Essa canção se refere ao que poderíamos chamar de uma “ancestralidade comum” àqueles que se identificam etnicamente como negros. Faça uma pesquisa sobre os termos Angola, Congo, Benguela, Monjolo, Cabinda, Mina, Quiloa, Rebolo. Todos eles se referem a etnias negras que foram trazidas para o Brasil como escravos. A canção também faz referência ao trabalho escravo e a Zumbi dos Palmares. Procure se informar sobre a história de Zumbi e do sistema de escravidão no Brasil até o século XIX.

Resposta: *Essa atividade visa a uma valorização da herança cultural negra e depende de uma pesquisa, que pode ser feita facilmente pela internet. Informações sobre as diversas populações citadas podem ser encontradas em diversas fontes. Em termos gerais, esses são nomes genéricos para várias populações de língua cujo tronco é o banto (exceto os Quiloa e os Mina, falantes de línguas de outros troncos), que predominavam em grande parte da África central. Muitos escravos trazidos para o Brasil vieram dessas regiões. Várias práticas culturais brasileiras têm relação com a herança banto (como a congada, a capoeira, etc.). Zumbi, por sua vez, foi o último líder do Quilombo dos Palmares, que durou de 1580 a 1695, numa região que hoje pertence ao estado de Alagoas. Quilombos são agrupamentos populacionais formados por escravos que fugiam da tirania da escravidão. Muitos quilombos fizeram parte da história do Brasil; alguns deles, como o de Palmares, eram verdadeiros estados dentro do estado (por isso foram tão combatidos). Palmares foi atacado diversas vezes e finalmente derrotado por um grande esforço da Coroa portuguesa. Hoje representa um símbolo da resistência negra à*

opressão racial. Atualmente, muitos descendentes de quilombolas reivindicam o direito à terra com base na ocupação ancestral de territórios espalhados por todo o Brasil.

Capítulo IV – Antropologia brasileira

1 A partir do que lemos no capítulo 4, quais tensões podemos ver expostas nesta charge de Laerte, de 2012, levando em conta o avanço da urbanização no Brasil no século XX e o conhecimento histórico sobre a diferença entre as classes sociais no Brasil?



Resposta: A charge de Laerte apresenta um paradoxo entre a cultura popular (os integrantes das escolas de samba que desfilam na avenida durante o Carnaval) e a elite brasileira (que assiste ao desfile dentro do camarote, separada da população em festa). Os passistas querem saber se a elite também participa da festa que pertence às classes populares, ou se apenas “assistem”. A charge indica um dilema entre a representação do país (o Carnaval é uma forma de pensar o país) e a distância que as elites mantêm, quase que como espectadores. A charge também pode ser lida como uma representação da distinção entre classes sociais (entre os que estão nos camarotes e o que estão na rua, ou passarela), que vimos ser uma das marcas da urbanização brasileira desde a década de 1950. Podemos dizer que essa tensão entre as classes é uma das questões da antropologia brasileira, olhando em geral para as populações em situação de fragilidade, mas que ao mesmo tempo são produtoras de símbolos, práticas e ritos que podem representar a nação brasileira.

2 Considere o seguinte trecho de um livro de Roberto DaMatta:

[...] *Ao estudar, neste livro, os carnavais, os malandros e os nossos renunciadores – os nossos heróis –, pretendo abordar esse povo nas suas esperanças e perplexidades, pois sempre me impressionou a conjunção de um povo tão achatado junto a um sistema de relações pessoais tão preocupado com personalidades e sentimentos; uma multidão tão sem rosto e sem voz, junto a uma elite tão rouca de gritar por suas prerrogativas e direitos; uma intelectualidade tão preocupada com o coração do Brasil e, no entanto, tão voltada para o último livro francês; uma criadagem que passa tão despercebida e padrões tão egocêntricos; [...]. Um povo que me intriga na sua generosidade, sabedoria e, sobretudo, esperança.*

Numa palavra, a questão deste livro é saber o que faz o Brasil, Brasil. [...]

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. p. 16-17.

Nesse livro, DaMatta dá continuidade à tradição de “explicações sobre Brasil”, porém faz isso com uma diferença significativa em relação a autores como Gilberto Freyre e Darcy

O Brasil e os brasileiros, sua gestação como povo, é o que trataremos de reconstituir e compreender nos capítulos seguintes. Surgimos da confluência, do entrelaçamento e do caldeamento do invasor português com índios silvícolas e campineiros e com negros africanos, uns e outros aliados como escravos.

Nessa confluência, que se dá sob a regência dos portugueses, matrizes raciais díspares, tradições culturais distintas, formações sociais defasadas se enfrentam e se fundem para dar lugar a um povo novo, num novo modelo de estruturação societária. Novo porque surge como uma etnia nacional, diferenciada culturalmente de suas matrizes formadoras, fortemente mestiçada, dinamizada por uma cultura sincrética e singularizada pela redefinição de traços culturais delas oriundos.

Também novo porque se vê a si mesmo e é visto como uma gente nova, um novo gênero humano diferente de quantos existam. Povo novo, ainda, porque é um novo modelo de estruturação societária, que inaugura uma forma singular de organização socioeconômica, fundada num tipo renovado de escravismo e numa servidão continuada ao mercado mundial. Novo, inclusive, pela inverossímil alegria e espantosa vontade de felicidade, num povo tão sacrificado, que alenta e comove todos os brasileiros.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 19.

Ribeiro. Agora considere um trecho da Introdução de *O povo brasileiro*, de Darcy Ribeiro:

Resposta: Tanto Roberto DaMatta como Darcy Ribeiro pretendem explicar o Brasil, e ambos se surpreendem com o povo brasileiro. Mas vemos que apenas Ribeiro dá continuidade à definição do país a partir da miscigenação, a partir da formação do povo brasileiro. DaMatta procura a explicação em outro lugar, e parte do contraste entre povo e elite (o primeiro esquecido e a segunda, egoísta), do embate entre as diferentes partes que compõem a sociedade. Ribeiro prefere destacar o que considera um novo modelo de civilização, criado pela miscigenação, o que remete aos textos de Gilberto Freyre e à mitologia da democracia racial. Ou seja, para Darcy Ribeiro o Brasil é pensado a partir da colonização portuguesa e do fato desta ter relacionado três diferentes matrizes culturais (portuguesa, africana e indígena), o que o aproxima de Gilberto Freyre. Já para Roberto DaMatta, o processo

histórico que explica o Brasil é a distinção radical entre elite e povo, entre aqueles que detêm o poder e a riqueza e os excluídos: DaMatta olha mais para a história da produção dessa diferença enquanto Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro privilegiam mais a formação de um único povo miscigenado.

3 Considere o seguinte texto de Gilberto Velho:

O que sempre vemos e encontramos pode ser familiar mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico mas, até certo ponto, conhecido. [...] Da janela de meu apartamento vejo na rua um grupo de nordestinos, trabalhadores de construção civil enquanto a alguns metros adiante conversam alguns surfistas. Na padaria há uma fila de empregadas domésticas, três senhoras de classe média conversam na porta do prédio em frente; dois militares atravessam a rua. Não há dúvida de que todos estes indivíduos e grupos fazem parte da paisagem, do cenário da rua, de modo geral estou habituado com a sua presença, há uma familiaridade. Mas, por outro lado, o meu conhecimento a respeito de suas vidas, hábitos, crenças, valores é altamente diferenciado. Não só o meu grau de familiaridade [...] está longe de ser homogêneo, como o de conhecimento é muito desigual. No entanto, todos não só fazem parte de minha sociedade, mas são meus contemporâneos e vizinhos. Encontramo-nos na rua, falo com alguns, cumprimento outros, há os que só reconheço e, evidentemente, há desconhecidos também. Trata-se de situação diferente de uma sociedade de pequena escala, com divisão social do trabalho menos complexa, com maior concentração ou menor número de papéis, etc. [...] O fato é que dentro da grande metrópole, seja Nova York, Paris ou Rio de Janeiro, há descontinuidades vigorosas entre o “mundo” do pesquisador e outros mundos, fazendo com que ele, mesmo sendo nova-iorquino, parisiense ou carioca, possa ter experiência de estranheza, não reconhecimento ou até choque cultural comparáveis à de viagens a sociedades e regiões “exóticas”.

VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. NUNES, Edson de Oliveira. *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 126-127.

No texto acima, Gilberto Velho discute a ideia de transformar o familiar em exótico a fim de produzir uma antropologia urbana. Além disso, há uma referência à diferença entre o mundo “de uma sociedade menos complexa” e as grandes metrópoles, que poderíamos pensar em termos da diferença entre uma pequena cidade do interior e as grandes capitais brasileiras. Com base neste contexto, responda às questões:

Primeiro impacto: *Gilberto Velho pretende demonstrar que o que vemos numa sociedade urbana é um conjunto muito complexo de grupos, pessoas e identidades distintas e que, em relação a elas, talvez a nossa distância seja a mesma que existe entre um pesquisador e populações indígenas, por exemplo. Velho defende a possibilidade de fazer antropologia com*

aquilo que está próximo, pois pode representar uma diferença significativa. Vimos no capítulo que além disso, a antropologia urbana deu um passo adiante e admitiu a possibilidade de estudar aquilo que é tão próximo que podemos chamar de semelhante. Nesse caso, a trabalho do antropólogo seria transformar essa proximidade em algo estranho, para poder falar criticamente sobre uma experiência que é também a sua (do antropólogo). Por outro lado, o trecho de Gilberto Velho enfatiza uma diferença entre sociedades “menos complexas” e metrópoles, indicando que o grau de diversidade nessas últimas é maior, e permite um exercício de antropologia urbana. Podemos dizer que o desenvolvimento de uma antropologia urbana no Brasil acompanhou, ao longo do século XX, a transformação de um país essencialmente rural em um país urbano.

a) Há grupos ou práticas sociais em sua cidade que lhe provocam estranhamento?

Resposta pessoal.

b) Há grupos com os quais você se identifica?

Resposta pessoal.

c) Partindo da história da urbanização do Brasil no século XX e dos conhecimentos históricos sobre esse século, que transformações geográficas, econômicas e sociais permitiram o aparecimento de novos papéis sociais?

Resposta: Esta questão permite várias respostas diferentes. Por exemplo, a entrada crescente das mulheres no mercado de trabalho provocou muitas mudanças no papel social feminino, com diferentes consequências para a organização familiar. O número de mulheres chefes de família dobrou nos últimos dez anos, só para dar um exemplo. O êxodo rural, o adensamento das populações urbanas, o crescimento das cidades, tudo isso contribuiu para o aparecimento de novos papéis sociais, ao longo do século XX.

Capítulo V – *Temas Contemporâneos da Antropologia*

1 Observe a imagem ao lado e responda às questões propostas:



Walt Disney/Everett Collection/Keystone

a) Escreva sobre a relação natureza/cultura na sociedade capitalista.

Resposta: No capítulo 5 vimos que para diversos autores a divisão natureza/cultura é fundamental para a sociedade capitalista (ou ocidental). Autores como Descola, por exemplo, imaginam que outras formas de pensar o mundo também estão presentes, mas seriam periféricas. A cena de desenho de Walt Disney dá margem para pensar tanto que isso é verdade como o contrário. A imagem mostra vários animais (patos, ratos e um lobinho) vestidos como gente e com comportamentos humanos (carregando livros e indo para a escola). É evidente que aqui as fronteiras natureza/cultura estão borradas. Podemos dizer que isso acontece em esferas menos importantes da vida da sociedade capitalista (como as coisas relacionadas ao mundo infantil) e, portanto, afirmar que Descola têm razão. Ou podemos dizer que essas referências “animistas” (quando damos vida e perspectiva humana a animais) são tão recorrentes (em desenhos animados, filmes, propagandas, etc.) que talvez essa divisão radical entre natureza e cultura não seja tão radical assim.

b) Desenvolva uma reflexão sobre a relação entre as ciências biológicas e nosso pensamento cotidiano: se a ciência biológica em geral considera as diversas formas animais no mundo de um ponto de vista neutro e que não os “anima”, ou lhes permite qualquer capacidade de atuação no mundo (além daquela programada nos genes), como é possível criarmos representações em desenhos e outras criações artísticas de animais que agem como gente?

Resposta: *Ao mesmo tempo, a ciência pressupõe uma divisão radical entre humanos e animais, que podemos ver como uma extensão de uma divisão entre natureza e cultura: somos a parte “cultura” dessa equação. E se a Biologia não dá agência (capacidade de ação criativa) à natureza, por outro lado tende a explicar muitos comportamentos sociais humanos a partir da natureza (no caso, de nossos genes).*

2 Considere este trecho de uma entrevista do antropólogo brasileiro Eduardo Viveiros de Castro à revista Cult:

Eduardo Viveiros de Castro — *Se nossa antropologia popular vê a humanidade como erguida sobre alicerces animais, normalmente ocultos pela cultura — tendo outrora sido “completamente” animais, permanecemos, “no fundo”, animais —, o pensamento indígena conclui ao contrário que, tendo outrora sido humanos, os animais e outros seres do cosmo continuam a ser humanos, mesmo que de modo não evidente.*

Cult — *Se tudo está impregnado de humanidade, quais são as consequências disso para o modo de vida indígena?*

Se tudo é humano, nós não somos especiais; esse é o ponto. E, ao mesmo tempo, se tudo é humano, cuidado com o que você faz, porque, quando corta uma árvore ou mata um bicho, você não está simplesmente movendo partículas de matéria de um lado para o outro, você está tratando com gente que tem memória, se vinga, contra-ataca, e assim por diante. Como tudo é humano, tudo tem ouvidos, todas as suas ações têm consequências.

Revista Cult, edição 153.

A partir dessa fala de Viveiros de Castro, discorra sobre o que você entendeu quanto às diferentes perspectivas sobre natureza e cultura (a indígena e a não indígena) e quais são as consequências ambientais mais evidentes dos dois modos de ver o mundo.

Resposta: *Viveiros de Castro explora nessa fala o contraste entre natureza e cultura presente na nossa sociedade, e como esse contraste é ambíguo, afinal os humanos são também animais. O pensamento indígena conclui o contrário, que no passado todos eram humanos, e de alguma forma continuam a ser, ainda que em corpos diferentes (o corpo da onça, o corpo humano, o corpo do urubu, etc.). Isso explica o perspectivismo amazônico. Por outro lado, Viveiros de Castro indica que o modo de pensamento amazônico impõe aos indígenas uma noção de*



COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFPE
PROF. Lic. EMANUEL ISAQUE CORDEIRO DA SILVA
COMPONENTE CURRICULAR: SOCIOLOGIA GERAL II

relação intensa com o mundo: se tudo tem “alma”, é preciso ter cuidado com tudo. Nossa forma de pensar, que ressalta a distinção entre natureza e cultura, acaba por nos distanciar daquilo que chamamos de natureza e permite todo tipo de destruição de um mundo que é considerado inferior. No fundo, o que Viveiros de Castro está dizendo é que as populações indígenas amazônicas pensam de uma forma que os impede de destruir seu mundo, algo que a sociedade capitalista vem fazendo sistematicamente e cada vez com mais rapidez e intensidade.